

## **Sobre o Islã, a fé que exalta a paz O Estado de S. Paulo - SP / Online Online**

**2007-08-19**

### **Sobre o Islã, a fé que exalta a paz**

**O Estado de São Paulo – Caderno 2 - 19/08/2007**

O jornalista Ali Kamel reforça gosto pela polêmica, e pela pesquisa, ao fazer avaliação didática e sem preconceitos do tema

Gabriel Manzano Filho

Aqui vai um desafio aos que acham - e como há gente no mundo achando isso - que o islamismo é uma religião violenta e que Alá manda os muçulmanos saírem por aí matando infiéis e ameaçando civilizações do outro lado do mundo: procurem no Alcorão algum trecho que autorize tais aventuras.

Vão encontrar esta sura (capítulo): 'Combatei pela causa de Deus aqueles que vos combatem. Porém, não pratiqueis agressão, porque Deus não estima os agressores.' Podem cruzar também com os famosos 'versos da espada': 'Matai-os, onde quer que os encontréis, e expulsai-os de onde vos expulsaram. Porém, se pararem de vos ameaçar, lembrai-vos de que Deus é indulgente e misericordioso.'

São trechos literais de um livro sagrado de uma religião de 1,1 bilhão de fiéis em todo o mundo, apresentados como revelações de Alá a Maomé, no auge da sua luta contra os rivais de Meca, nos primórdios do islamismo. São lidos e interpretados há 14 séculos - e é surpreendente que um jornalista tenha de ir buscá-los, lá no fundo da história, para mostrar que os terroristas islâmicos mentem, usando apenas pedaços de frases, como as mencionadas acima, para sustentar que Alá apóia suas ações. Não, o que os leva a fazer o que fazem não são conselhos de Alá. É, simplesmente, o totalitarismo - esse mesmo, de Hitler, Stalin e grande elenco. 'Os radicais do Islã não são perigosos porque são fanáticos: são perigosos porque são totalitários', adverte o jornalista Ali Kamel, na que talvez seja a mensagem central das 320 páginas deste Sobre o Islã.

O livro vem carregado de conclusões desafiadoras. Por exemplo, quando o autor chafurda numa penca de documentos confidenciais, de diferentes fontes, e conclui que o presidente George W. Bush estava muito menos errado do que se diz ao invadir o Iraque e derrubar Saddam Hussein. E também mais adiante, quando aceita que havia laços entre a Al Qaeda, Osama Bin Laden e Saddam Hussein. Como se soube depois, nem havia essas ligações nem o Iraque tinha meios de fabricar armas de destruição em massa - mas a realidade política daquele momento, no entender do autor, não deixava outra escolha a Bush. Qualquer outro faria o mesmo.

No ano passado, Kamel já havia mostrado seu gosto pela polêmica ao publicar Não Somos Racistas, um vigoroso panfleto que simplesmente repete o que a ciência já constatou - que inexistem 'raças' entre seres humanos. Por tabela, critica as cotas nas escolas e a tese de que a maioria negra do Brasil é pobre porque é negra.

Kamel está na encruzilhada ideal para arriscar esta nova aventura: é brasileiro, filho de pai sírio muçulmano e mãe católica, e casado com judia. 'Esse caldeirão cultural do qual sou fruto me ajudou a ver onde as religiões se tocam e onde se afastam', diz ele. Não por acaso, ele evita a palavra 'Alá': do começo ao fim fala sempre de um mesmo Deus, pai e inspirador dos três monoteísmos.

O livro começa macio. Sua primeira metade é um apanhado histórico das origens comuns das três grandes religiões, em que discorre sobre sunitas e xiitas, avalia costumes como o apedrejamento de mulheres ou o uso do véu e faz comparações entre o Velho Testamento e o Alcorão. Para chegar aonde? À constatação de que o estranhamento da cultura islâmica, pelo Ocidente, se deve à insistência dos estudiosos em ressaltar mais as diferenças do que as semelhanças. Foi o que fez, por exemplo, o historiador britânico Paul Johnson, que também citou o Alcorão pelas metades e comprou a tese do 'conflito de civilizações' entre Ocidente e o Islã, do seu colega americano Samuel Huntington. Contra todas as propagandas, avisa Kamel, é imprescindível separar o Islã histórico de um grupo radical que diz, autoritariamente, falar em seu nome.

Não custaria, a esta altura do debate, ele lembrar que o islamismo é um fator de identificação milenar de muitas tribos e povos, presente em suas almas muito antes que sonhassem com nações ou com liberdade - o que torna mais complexa sua separação das causas políticas e facilita seu seqüestro por aventureiros de toda ordem.

Mas o recado é dado com toda ênfase: o perigo não é a religião muçulmana. Também não é o fundamentalismo, termo que, historicamente, em nada se aplica à Al Qaeda ou aos homens-bomba: chamá-los de fundamentalistas 'é um erro grave, porque os enobrece'. E o atual radicalismo islâmico 'é uma reação enlouquecida diante da rapidez com que a modernização se dá'. Mas, se a modernização foi possível no judaísmo, se também o catolicismo soube se reinventar, 'por que o mesmo não seria verdadeiro para o islamismo?'. Esse processo 'não somente é possível como está em curso'.

Nos dois capítulos finais, Kamel aborda, enfim, o mundo de hoje, com Bush, o Iraque, Osama Bin Laden e a Al Qaeda - e aí o clima esquenta. Ao fim de um extenso mergulho em pilhas de documentos, ele bate de frente com o que a mídia vem dizendo sobre esse tema. Algumas de suas conclusões: Bush tinha fortes razões para agir como agiu. Não ignorou a opinião dos outros nas Nações Unidas - ao contrário, passou mais tempo esperando um apoio do que fizeram Ronald Reagan, Jimmy Carter ou Bill

Clinton, nas invasões de Granada, Haiti, Panamá, Sudão, Bósnia...'Sei que pareço antipático ao nadar contra a maré, num momento em que a opinião pública já julgou e condenou o governo Bush', pondera, 'mas, para ser simpático à opinião pública, não posso simplesmente fechar os olhos para o que os depoimentos dizem.'

Em algumas das perguntas, no capítulo final, há respostas que soam insatisfatórias. Ao discutir o prejuízo que a invasão do Iraque representou para as liberdades civis nos Estados Unidos, a prisão de Guantánamo sequer é mencionada (tudo bem que não havia americanos lá, mas...). Kamel contenta-se com dar exemplos de situações parecidas, no passado, em que essas liberdades foram ignoradas pelo planeta afora. Também na avaliação dos motivos para invadir o Iraque foram deixadas de lado pressões internas da vida americana - o crescente poder dos movimentos evangélicos, sua aproximação com o lobby industrial-militar, os compromissos do establishment com a segurança de Israel. São fatores pró-guerra consideráveis, e uma análise a respeito - mesmo que para descartá-los - enriqueceria a discussão.

Nada disso interfere no resultado final. O trabalho de Kamel deixa claro que responsabilizar o islamismo, religião de tantos milhões de pessoas comuns e pacíficas, pela violência e o fanatismo de grupos terroristas é coisa de quem não entende o problema ou de quem gosta de guerra.

Sobre o Islã, Ali Kamel, **Nova Fronteira**, 320 págs., R\$ 34,90